

J. Rentes de Carvalho

# O Meças



ALGUÉM TERÁ DE LHE EMPRESTAR AS PALAVRAS, porque as desconhece, mas se lhas tivessem ensinado seria incapaz de dizê-las, estonteado pelo remoinho, a vida a desfilhar em ondas de desespero, ocasiões falhadas, sempre ele o que perde, a sofrer envergonhado, o que baixa os olhos e até de si próprio tem de fugir.

Quando pensa no que ficou para trás deveria usar o passado em vez do presente, mas pouco adianta que os verbos se conjuguem, o medo dá-lhe do tempo uma noção onde se funde o que foi e o que é, o que viu acontecer e as vezes que perdeu, horas sofre em que o garoto e o homem quase velho são um, igual neles a dor, enraivecidos ambos na mesma impotência.

Precisado de sossego, corre para ali, sem memória de quando lá foi a primeira vez, nem porquê, entregando-se à força que nele manda como bruxaria ou praga rogada.

Instinto, voz que lho sussurra, certas noites mete pela estrada velha, e quando chega ao segundo cruzamento vira à esquerda, sobe pelo atalho do pinhal, o carro em primeira a resvalar no piso de caruma e terra solta.

No alto apaga os faróis, desliga o motor, espera que os olhos se habituem, entranha-se de silêncio, e num automatismo

procura o maço, o isqueiro, tira um cigarro que vai esquecer entre os dedos.

Já ouviu dizer que são quase mil metros, e pode ser verdade, só muito longe, avultando para o lado da Espanha, se recortam picos mais altos.

O olhar habituou-se, a noite perdeu o negrume, roda sobre si próprio a orientar-se, procurando distinguir qual será o reflexo das luzes de Salamanca, talvez aquela claridade, ou a outra, para a esquerda. Reconhece Foz Côa, o mais são luzinhas de *pueblos* e aldeias, fazendo um tremular de pirilampos na noite de calor abafado.

Aguarda o momento de poder separar o antes do depois, o proveito da perda, e que os vultos se esfumem, os rostos percam as feições, deixe de ouvir os gritos, os suspiros, as ameaças, o ronco do homem montado na irmã.

Quase uma hora passada e ainda respira a custo, como se tivesse corrido, mas o alívio há-de chegar.

Acende o cigarro.

Fragas, atalhos, cotovelos de estrada, arribas e desfiladeiros. Torvelinhos de água. Becos, janelas sem vidros, pardieiros, estrume a fumegar, cães de gado, dentro dele tudo se esboroa, mingua e some em nevoeiro, sem adivinhar com que fim ou sem distinguir para que longe. Palavras e subentendidos, juras e gestos, intenções, promessas, aquele sorriso, aquele abraço, a partida, as voltas, os desencontros, a perdição. Que lhe resta do que pareceu ou do que foi? Do que disseram? Do que julgou ouvir?

Sem dar conta, menino ainda actor se criou, dois palmos e já sofrido de medo, certo de que a vida era guerra, o seu teatro, um escape, o corpo de poucas forças, um revés. No sangue

a intuição de perda, vinda do mais escuro do tempo, sabe Deus que mágoas dos que passaram sem deixar nome ou pegada, iguais aos bichos, como eles apodrecendo em campa rasa, lembrados por um jeito e logo esquecidos.

Silhuetas apenas, vê-os desfilar na contraluz, de aspecto têm o que lhes empresta na fantasia e um pouco do que guardou por ter ouvido. Mas donde vêm os que sem hora nem aviso o assaltam e molestem? Que razões têm quem as não descobre? A alguns nem sequer conhece, ou talvez não lembre, serão os que enterramos fundo no esquecimento, a vala comum dos amores traídos, das amizades findas, das derrotas, traições e ignomínias a que o viver obriga, mesmo quando a decência é o norte.

Deitada no chão, a este pariu-o a mãe em manta de burel, lençol teve só o da mortalha, no esquife dos pobres em que o levaram a enterrar. A vida inteira fez cama na manjedoura, dormindo sobre a palha que depois atirava às burras, e que elas, às patadas, ensopariam de bosta e mijo.

Vestimenta de esmola, toda em remendos. Chapéu de feltro, enrijado pelo sebo de anos, botas já sem cardas, ganhas faz muito com sete jeiras de monda, dez de segada, dez de vindima. Jeiras de sol a sol, modo de dizer da alvorada ao lusco-fusco, merenda de comida seca e um litro de vinho, o couro duro a moer pés nus, tormento que findava quando calejavam.

Conchego de amor nunca teve, nem conheceu mulher, de alegrias gozou as mais simples: o remanso da sombra na canícula, um cibo de carne na festa, copinho de aguardente, naco de queijo, talhada de melancia.

O seu gólgota começa de madrugada, quando carrega nas burras os sacos de serapilheira, cheios do carvão de choça que a semana inteira andou a fazer.

Cortar lenha para a «sepultura», cova funda de metro e meio, acender o lume, cuidar que arda vagaroso, nem forte nem fraco, de modo que seja muita a brasa, pouca a cinza.

Reza se o céu escurece. Reza para que o vento pare. Reza as graças quando as nuvens passam sem chuva. Olhos no alto. Olhos na fogueira. Calor não sente, nem fome, nem sede, só pensa nas chamas, esperançado de assim as domar.

Escureceu, quase de repente é noite, mas tem olhos de gato e o luar ajuda. Com gestos de semeador atira ao lume punhados de terra, a que chegue para que não abafe logo, vá morrendo aos poucos.

Olha em redor e estaca, o instinto alerta para o barulho de gente, mas não distingue vultos nem bestas, demora a ver os dois homens que um momento parados se recortam contra o céu, e agora aos berros descem a ladeira. Reconheceu as vozes, mas por razões que mal compreende, como se tivesse culpa de estar ali e tê-los visto, baixa os olhos.

São vizinhos, não precisa de temer, de verdade em tantos anos só uma vez o roubaram. Culpa sua. Abrira a «sepultura» perto do caminho, e os ciganos, só podiam ser eles, vendo o fumo ou cheirando lume, tinham rapado tudo.

Reza, persigna-se, desata as burras do azevinho a que as prendeu e toca-lhes de leve na garupa, manda-as na dianteira.

Trôpego nos passos, moído do corpo, o chapéu a tapar os olhos, vem derreado da soalheira e de cavar, responde com um meneio de cabeça a quem lhe dá as boas-horas.

Pensamentos não tem, nem perguntas, sonhos ou desejos, só cansaço. Acomodou as bestas, tirou-lhes a albarda e os arreios, mediu uma quarta de aveia para cada, enche-lhes a pia.

Agora é a sua vez. Encosta-se à manjedoura, põe o cântaro à boca, sôfrego, metade da água a escorrer-lhe pelo peito.

Um a um sobe os degraus e aninha-se a varrer a cinza da lareira com a vassourinha de giesta, arranja as pinhas, os gravatos, um punhado de cascas de amêndoa, outro de caruma.

Canhoto de nascença, a navalha na esquerda, a outra segurando a pederneira, petisca fogo, bafeja a chama para que aumente, com o fole dá-lhe alento, dois sopros mais tem o lume feito. Sentado no banquinho chega a panela, a cesta das batatas, a almotolia, o saleiro, as cebolas. Levanta-se a despendurar o arame da saca do pão, enganchada na trave por causa dos ratos.

Corta o centeio. Deita as fatias na água que já ferve, pitada de sal, fio de azeite, quatro batatas. Uma cebola.

Vai-lhe o pensamento para a «sepultura» na ladeira, onde desde ontem as brasas devem ter esfriado. Afasta a panela do lume e remexe com a colher de pau, corta o dente de alho que tinha esquecido. Três vezes enche a malga e não deixa resto.

O sono é morte súbita de que irá ressuscitar à cantada do galo, em prece para que na fogueira apagada seja muito o carvão.

Uma côdea, um gole de água, por ser rotina de toda a vida mal dá conta que albarda as bestas, aperta as cilhas, os cabrestos, abre a porta.

O dia rompe quando avista a «sepultura», e o palpíte é bom, os galhos estão na mesma. Reza agradecido. Bom é também o carvão de brasas medianas, o que paga melhor, gastam-no as mulheres nos ferros de passar, nas braseiras e nos fogareiros.

Seis sacas enche, das que guardou do adubo, carga leve, três em cada besta. Fracas como andam, malcomidas, com mais

peso não aguentariam as nove léguas de ida e volta e o tempo que vai perder nas ruas da vila, pára aqui, pára além, batendo as aldrabas, chamando, rouco de apregoar «Brasas! Quem quer brasas!»

O dia passa, às tantas só pergunta nas casas onde costuma ter freguesia, a meio da tarde vendeu duas sacas, trinta mil réis. Um mal-encarado diz que lhe compra uma se mear o preço. Ele responde que não pode, e o homem vira-lhe costas com um «Então guarda-as!»

Apiedada, a viúva deu-lhe uma tigela de caldo e água para as bestas, mas brasas tem de sobra, que no estio pouco gasta. Fora isso, o carvão de pedra da mercearia dá bom calor e é mais em conta.

Nunca ouviu falar, nem sabe o que seja, carvão só conhece o de choça, que ele faz com lenha de carrasco, castanho e sobreiro. Mas não pergunta. Agradece o caldo, seja pelas almas de quem lá tem, o Senhor a favoreça, e ela diz «Deus te acompanhe».

Quando reparou no que tinha andado, já não se viam as casas nem ladravam os cães, o negrume viera de repente, mas de olhos fechados andaria o caminho que era o do seu único longe.

Uma quebreira, ardume no peito, a oura a embarçar-lhe o passo, queixoso de não haver por ali fio de água onde acalme a sede, nem porta a que possa bater.

Quis sentar-se na borda da rodeira, mas a fraqueza pôde mais, julgando que se endireitava rebolou, caiu de bruços num derradeiro esforço virou a cara, anojado do pó que se lhe colava à boca.

Foi esmorecendo e finou-se em paz, os que de madrugada o encontraram quase tinham passado adiante, julgando que dormia.